

II Congresso Histórico Internacional

***AS CIDADES NA HISTÓRIA: SOCIEDADE***

18 a 20 de outubro de 2017

**ATAS**

CIDADE INDUSTRIAL

2017

## **FICHA TÉCNICA**

### **Título**

II Congresso Histórico Internacional  
As Cidades na História: Sociedade

### **Volume**

III - Cidade Industrial

### **Edição**

Câmara Municipal de Guimarães

### **Coordenação técnica**

Antero Ferreira  
Alexandra Marques

### **Fotografia**

Paulo Pacheco

### **Design gráfico**

Maria Alexandre Neves

### **Tiragem**

200 exemplares

### **Data de saída**

Dezembro 2019

### **ISBN (Obra completa)**

978-989-8474-54-4

### **Depósito Legal**

364247/13

### **Execução gráfica**

Diário do Minho

# ÍNDICE

## CIDADE INDUSTRIAL

### CONFERÊNCIAS

pág. 7

La Industria en la Historia de las Ciudades Medias Españolas: Una Reflexión Espacial

*Gonzalo Andrés López*

pág. 29

Cidade Industrial

*Jorge Fernandes Alves*

### COMUNICAÇÕES

pág. 37

A fábrica de curtumes de José Maria Leite no Casal ou Quinta de Vila Verde (S. Sebastião e Urgezes, Guimarães): resultado de duas intervenções arqueológicas

*Andreia Silva*

pág. 65

A cidade a partir do edifício: narrativas urbano-edilícias na cartografia histórica de Belém (1886 a 1912)

*Celma Chaves, Rebeca Dias*

pág. 89

Cidade Industrial e o Mercado de Trabalho em pequenos Municípios no Brasil

*Denis Cereja dos Santos, Silvio Roberto Stefano, Edgar Gandra*

pág. 109

A Beira do Cais: Trabalho e Cotidianidade entre os Portuários de Rio Grande-RS e Lisboa-PT

*Edgar Ávila Gandra, Silvio Roberto Stefano*

pág. 113

O largo da Mumadona. História, desenho e evolução da sua importância na estrutura urbana de Guimarães

*Eduardo Fernandes*

pág. 135

Porto: a cidade industrial e o sistema portuário

*Elsa Pacheco, Jorge Fernandes Alves*

pág. 157

“Pela Creche!” As dinâmicas sociais em torno da proteção da prole infantil, na sede de concelho de Vila Nova de Gaia, na viragem para o século XX

*Eva Baptista*

pág. 187

A modernidade urbana em corpos adestrados: o futebol no ritmo (e nas contradições) da industrialização

*Gilmar Mascarenhas*

pág. 209

Vila Nova de Gaia, a “Southwark do Porto” nos primórdios da época industrial

*J. A. Gonçalves Guimarães*

pág. 241

Dinâmicas industriais corporativas e sociais em Guimarães: anos 50 e 70 do século XX

*José Mano Torres*

pág. 261

Do lugar à cidade da Trofa - Um século de industrialização

*José Pedro Maia Reis*

pág. 291

Caminhos da Modernidade: a Cidade de Belém-Pará-Brasil sob os Signos de um Tempo Acelerado

*Leticia Souto Pantoja*

pág. 323

O Centro Urbano de Vila Nova de Gaia em Finais de Oitocentos

*Licínio Santos, Maria de Fátima Teixeira*

pág. 351

Aveiro: a cidade e a indústria na primeira metade do séc. XX

*Manuel Ferreira Rodrigues*

pág. 375

Políticas higienistas e de saúde pública e o seu impacto na vida económica da cidade do Porto: 1930-60

*Maria da Luz Sampaio*

pág. 397

O impacto da indústria dos plásticos no desenvolvimento da cidade de Leiria

*Maria Elvira Callapez, Sara Marques da Cruz, Guilherme Francisco*

pág. 429

O Comércio e a Evolução Espacial das Áreas Centrais das Pequenas Cidades. O caso de Portalegre

*Miguel Castro*

pág. 459

Transformações Sociais e económicas na cidade da Guarda com a instalação da luz elétrica

*Paula Amaro, Décio R. Martins*

pág. 477

Indústria têxtil: expor Guimarães ao mundo desde o século XIX

*Paula R. Nogueira, Décio R. Martins, Carlos Fiolhais, Gilberto Santos*

pág. 507

Guimarães, cidade industrial? Entre a memória e o esquecimento

*Paula R. Nogueira, Décio R. Martins, Carlos Fiolhais, Gilberto Santos*

pág. 527

Consequências da Revolução Industrial na cidade de Guimarães

*Paula R. Nogueira, Décio R. Martins, Carlos Fiolhais, Gilberto Santos*

pág. 553

¿De ciudad fluctuante a ciudad estable? Transformaciones y continuidades en los comportamientos residenciales en Madrid durante el primer tercio del siglo xx

*Santiago de Miguel Salanova*

pág. 585

El Mercado Municipal de la Praça 1º de Maio de Évora: Pasado, presente y ¿futuro?

*Sheila Palomares Alarcón*

# Consequências da Revolução Industrial na cidade de Guimarães

**Paula R. Nogueira**

Centro de Física da Universidade de Coimbra (CFisUC)

[ramosnogueira@uc.pt](mailto:ramosnogueira@uc.pt)

**Décio R. Martins**

Centro de Física da Universidade de Coimbra (CFisUC)

[decio@uc.pt](mailto:decio@uc.pt)

**Carlos Fiolhais**

Centro de Física da Universidade de Coimbra (CFisUC)

[tcarlos@teor.fis.uc.pt](mailto:tcarlos@teor.fis.uc.pt)

**Gilberto Santos**

Escola Superior de Design - Instituto Politécnico do Cávado e do Ave

[gsantos@ipca.pt](mailto:gsantos@ipca.pt)



**Resumo**

Partindo da ideia de uma *revolução industrial à portuguesa*, que é tardia, não contemplou autonomia tecnológica e se baseou na dependência das importações, revemos algumas das fraquezas do país em finais do século XIX e primeiras décadas do século XX: a escassez de capital, a mão de obra analfabeta, políticas de ensino ineficientes e um sistema científico débil incapaz de estabelecer interação com a indústria.

Em 1884, organizou-se em Guimarães um movimento que determinaria a mudança de paradigma económico da cidade, confirmando o seu perfil industrial. O plano de ação contemplou a organização de uma Exposição Industrial, a primeira de âmbito concelhio a realizar-se em Portugal, para demonstrar a vitalidade das indústrias locais, contrariar as omissões dos Inquéritos Industriais e reclamar a instalação de uma escola industrial.

Naquele ano de arranque chegaram à cidade o comboio e os primeiros teares mecânicos. Foi o ponto de partida de uma trajetória de progresso tecnológico, embora sujeito a inúmeros estrangimentos, mas que gerou repercussões prolongadas no tempo. A excecionalidade dessa revolução é aqui exposta nas suas dimensões social, económica e cultural.





## Introdução

A transição entre a produção artesanal e a produção por máquinas, a designada por *Revolução Industrial*, foi, em Portugal, tardia, lenta e peculiar. Mas o processo de industrialização acabou por ter no país, sobretudo nas regiões industriais, consequências económicas e sociais notórias.

Acompanhar o desenvolvimento que varria a Europa tornou-se a certa altura imperativo para Portugal. Contudo, como o país não dispunha de tecnologia própria, patentes ou capital, e como o seu sistema científico era muito rudimentar, não restou outra solução senão *importar a Revolução Industrial* e, portanto, realizar uma *revolução industrial à portuguesa*. Dentro do país a transformação deu-se a várias velocidades - com Lisboa e Porto a atingirem dinâmicas de progresso e apoios do governo distintos daqueles que eram canalizados para a província. Esse sistema centralista funcionou relativamente bem até que, em Guimarães, se operou uma mudança que veio chamar à atenção do governo. No berço da monarquia alinharam-se forças internas em torno de uma estratégia que, verificou-se mais tarde, seria determinante para a definição do perfil da cidade. Guimarães planeou a sua *revolução industrial* e seguiu o seu plano que pode ser visto em três grandes dimensões: social, económica e cultural.

Na dimensão social, a mudança caracterizou-se pela deslocação de alguma mão de obra rural para as fábricas, pela exploração do trabalho feminino e infantil, pela política de baixos salários e más condições de trabalho, associados à pobreza e agitação laboral.

Na dimensão económica, a *revolução* operou-se no reforço do poder das elites industriais da cidade, no crescimento da economia com o aparecimento de novas fábricas e setores, no enriquecimento da classe industrial, no urbanismo industrial (com proliferação desorganizada de fábricas e o surgimento dos bairros operários), nas vias de comunicação (caminho de ferro e rede viária) e banca.

Na dimensão cultural, o domínio das elites refletiu-se nas tendências modernizantes da vida da cidade, no sistema educativo e científico, nas diversas atividades culturais e no associativismo, no aparecimento dos meios de comunicação (imprensa, telegrafia) e das atividades de lazer e cultura.

Partindo da ideia de *revolução industrial à portuguesa*, analisamos o exemplo de Guimarães no período entre 1850 e 1926, durante o qual se verificaram muitos dos efeitos sociais, económicos e culturais da *Revolução Industrial* sem, contudo, se manifestar em avanços tecnológicos ou científicos.

### 1. Revolução industrial: paradigma e características

A Revolução Industrial, que começou em Inglaterra no século XVIII, expandindo-se pelo mundo em ritmos e formas diferentes, baseia-se na substituição do trabalho braçal pelo trabalho da máquina. A criatividade inventiva que se sucedeu sem interrupção provocou na humanidade um reformismo social com efeitos na vida das pessoas, das cidades e dos países. Efetivamente, sobre o tema da Revolução Industrial as opiniões dos autores dividem-se entre os que olham para a mudança verificada como algo de *revolucionário* (Rioux, 1977; Crafts, 1998; Hobsbawm, 1996), os que falam antes de *processo de industrialização e movimento* (Brito, 1989; Cordeiro, 1992; Ashton, 1995; Mathias, 1998; Davis, 1998; Beauchamp, 1998; Alves, 2002; Mendes, 2002) e aqueles que entendem que não houve uma *revolução industrial*, mas antes *revoluções industriais sucessivas* (Freeman e Louçã, 2003).

Se compararmos o fenómeno da industrialização nos diferentes países rapidamente se identifica quem esteve na vanguarda e quem se manteve na cauda do processo. O desfazamento de Portugal em relação à Europa industrializada valida a tese de que o país não teve *revolução industrial*, pelo menos atempada. O mesmo sucedeu em Espanha (Nadal, 1980). Esse desfazamento devia-se, por um lado, pela falta de tecnologia e de inovação, logo, pelo atraso competitivo, e, por outro, pela escassez de capital, dependência dos apoios do Estado, empreendedorismo débil e uma sociedade culturalmente impreparada para transformar a sua realidade económica e social (Cordeiro, 2014). Podemos questionar-nos se Portugal não dispunha de engenheiros, inventores e criativos capazes de propor soluções e resolver problemas. Sim, mas os exemplos são muito raros. Para que os projetos inovadores ganhassem força de mercado o país necessitava de uma organização que não possuía, de mão de obra tecnicamente habilitada, de um programa de ensino universal e eficaz, de um sistema de reconhecimento de patentes e de mérito ágil, de um mundo científico e académico mais acessível e produtivo.

O tear para fitas usando o *systema* Moraes<sup>1</sup> é um exemplo da invenção e criatividade nacional, mas não deixa de ser um caso pontual. Em Inglaterra, França ou Alemanha, a conjugação entre uma indústria muito atenta e rápida a dar respostas, um sistema emergente de patentes e a existência de mercados ávidos e ágeis, facilmente transformava um invento num produto e este num negócio. Em Portugal, o caminho foi diferente: a mecanização das indústrias fez-se pela importação da tecnologia estrangeira. No caso das fábricas históricas do setor têxtil de Guimarães assim sucedeu e praticamente todas elas foram equipadas com teares mecânicos ingleses, provenientes dos mesmos fornecedores.<sup>2</sup>

## 2. Guimarães, a cidade industrial

Na carta de elevação de Guimarães a cidade, em 1853, a Rainha D. Maria II refere-se à *villa* que “*desfructa a primazia de ser uma das mais populosas da provincia do Minho, e a mais florescente em diversos ramos de industria, à qual são devidas a sua opulência e prosperidade, e as suas relações commerciais dentro e fóra do Paiz*”.<sup>3</sup>

Entre as atividades locais mais pujantes, destacavam-se os curtumes, as cutelarias e o fabrico de tecido de linho e algodão. A produção tinha como base o trabalho manual e mão de obra analfabeta.

O Inquérito Industrial de 1881 não foi rigoroso, tendo omitido dados muito importantes sobre a atividade industrial em Guimarães, apresentando-a como praticamente residual. Um estudo realizado pela Sociedade Martins Sarmento e incorporado no relatório da Exposição Industrial de Guimarães em 1884<sup>4</sup> acabou por mostrar, com dados obtidos no terreno e um levantamento mais exaustivo, as omissões daquele inquérito oficial e apresentou a verdadeira condição em que se encontravam as indústrias de Guimarães, a sua organização e valor. A cidade preparava-se para mudar o seu paradigma económico e a tomada de consciência do estado *melindroso* e *difícil* da indústria vimaranense, assim descrito pelos relatores, foi encarado, não como uma derrota, mas como um estímulo.

<sup>1</sup> O tear para fitas do *systema* Moraes (que foi discípulo do Instituto Industrial) resolveu um problema de eficiência na tecelagem, aumentando a velocidade das lançadeiras e permitindo quadruplicar a produção. A inovação introduzida por Moraes consistiu na utilização de lançadeiras guiadas por uma régua que permitia “alcançar velocidades de 300 a 400 pancadas por minuto”. A máquina esteve patente ao público na Exposição Universal de Paris (1889) e obteve muito sucesso, levando o seu autor a obter privilégio do invento em diversos países da Europa. A revista *L'Industrie Textil* dedicou ao invento português um grande destaque na edição de janeiro de 1900. (in *O Occidente*, 12.º ano, Volume XII, N.º 387, 21 de setembro de 1889, p. 214)

<sup>2</sup> É o caso da Fábrica do Castanheiro (1883-2013), pioneira na introdução de teares Jacquard e outros modelos de teares mecânicos, a Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães (1890-1991) e a Fábrica do Moinho do Buraco (1890-1990), conforme se pode verificar nos seus arquivos e fundos históricos.

<sup>3</sup> Carta da Rainha D. Maria II de elevação de Guimarães a cidade, (1853). AMAP, Cota: 8-1-2-11.

<sup>4</sup> Redigido por José Joaquim de Meira e Alberto Sampaio, o relatório apresenta um diagnóstico da economia de Guimarães, que preenche as omissões do Inquérito Industrial de 1881 e apresenta, sem disfarces, a realidade industrial do concelho, através do levantamento dos diferentes setores de atividade, o seu grau de mecanização e modernização, mão-de-obra e capital.

Vejamos o que escreveram os relatores do referido documento:

*“[Os industriais] Desunidos, sem a iniciativa e actividade que vencem as maiores dificuldades, a braços com a concorrência de paizes ricos, onde a produção é principalmente mecânica, e portanto a preços reduzidos, elles, possuindo apenas uma habilidade manual, ensinada pela tradição, têm-se visto obrigados a reduzir os salarios dos operarios, augmentar-lhes as horas do trabalho, e ainda assim contentarem-se com um lucro diminuto. Quando o trabalho chega a 14 e 18 horas por dia, pergunta-se naturalmente se por muito tempo poderá persistir esta situação?”*

*As nossas industrias, a que tem faltado a seiva vivificante da instrução, apresentam no seu regime e produção o typo do trabalho de outros tempos. Se exceptuarmos poucas classes, as antigas industrias de Guimarães vão-se definhando e depreciando todos os dias. Se não forem restabelecidas dentro d’um curto prazo com a direcção que lhes falta, com os capitaes de que carecem, com o ensino e aprendizagem necessarias, a depreciação marchará a passos rapidos talvez até á ruina total.”*

In MEIRA, José J.; SAMPAIO, Alberto. (1991).  
*Relatório da Exposição Industrial de Guimarães em 1884*

Estas foram, também, as circunstâncias que proporcionaram a realização da Exposição Industrial, onde se procurava atestar que, apesar do atraso tecnológico (Tabela 1) era possível operar uma mudança: “(...) se um dia um raio de luz atravessar a obscuridade de agora, o trabalho fabril do concelho se manterá rapidamente em condições de afrontar com desafogo a concorrência dos outros centros productores.” (Meira e Sampaio, 1884, p. 17)

**Tabela 1. Elementos relativos ao estado da indústria de Guimarães em 1884**

Número	Elementos descritivos
38	Indústrias (atividades em oficinas, fábricas e outras)
38	Indústrias com aplicação do trabalho manual e artesanal
3	Indústrias que utilizavam a roda mecânica hidráulica
1	Indústrias com máquina a vapor
5484	Operários (homens, mulheres e menores) ao serviço das indústrias de Guimarães em 1884

Fonte: *Relatório da Exposição Industrial de Guimarães em 1884*

Os dados relativos à mão de obra em 38 atividades presentes na Exposição Industrial era de 5484. Os quatro setores mais fortes (cutelarias, curtumes, têxtil e calçado) absorviam 81,1 por cento da mão de obra (4450) e os restantes 34 setores repartiam entre si 1034 operários (18,9 por cento). Uma distribuição desigual que refletia o predomínio de setores que, com exceção dos curtumes, ainda permanecem dominantes na economia local. (Quadro 1)

**Quadro 1. Relação da mão de obra por setores da indústria vimaranense (1884)**

Setores	nº total de operários	Homens	Mulheres	Menores		
				Rapazes	Raparigas	
Têxtil	Fiação (linho)	1559	-	1559	-	-
	Tecidos	1085	750	150	115	70
	Cotins	710	500	100	50	50
Cutelarias	433	361	-	72	-	-
Calçado	373	200	7	166	-	-
Curtumes	300	200	20	70	10	-
Total	4450	2011	1836	473	130	-

Fonte: Relatório da Exposição Industrial de Guimarães (1884). Guimarães: Sociedade Martins Sarmento

O inquérito industrial de 1890, refere *três fábricas mecânicas* no Minho, uma em Guimarães e duas em Fafe, Fábrica do Castanheiro e fábricas do Bugio e do Ferro, respetivamente. (Tabela 2)

No inquérito à indústria têxtil do linho e algodão de Guimarães (1896), reportado pelo Inspetor do Ensino Industrial e Comercial, António José Arroio, é destacada a Fábrica do Castanheiro, que já dispunha de 43 teares mecânicos e importava fio de linho e cartões de Jacquard “por o mercado não compensar a confecção dos cartões” (Geraldès, 1912, p.69).

Em 1912, no inquérito realizado à indústria do linho no distrito de Braga, Nunes Geraldès repetia factos sinalizados há 30 anos: “Os operários são todos portugueses e na sua maioria mulheres: pode dizer-se que estas representam 70 a 80% do total dos operários, entrando os menores dos dois sexos numa percentagem de 10 a 15%. O analfabetismo conta-se numa percentagem de 79 a 80%.” (Geraldès, 1912, p.41)

**Tabela 2. Resumo relativo às três fábricas mecânicas existentes no distrito de Braga em 1890**

Elementos	Resultados finais obtidos pelas três fábricas
Capital	595,093 escudos
Energia	940 cavalos (480 HP), 40 HP produzidos por água comprimida, 420 cavalos produzidos por turbinas hidráulicas
Motores	3 motores a vapor (1 de 10 cavalos na Fábrica do Castanheiro; 1 de 120 cavalos na Fábrica do Bugio; e 1 de 350 cavalos na Fábrica do Ferro). 1 motor a água comprimida de 40 cavalos (Fábrica do Ferro) 2 turbinas hidráulicas (1 de 120 cavalos na Fábrica do Bugio, outra de 300 cavalos na Fábrica do Ferro) 24 rodas hidráulicas
Máquinas especiais	8 teares mecânicos de armação superior 11 maquinasetas 10 teares Jacquard
Operários	4.083 (397 na indústria do linho e 3.686 na do algodão)
Salários	10 a 30 centimos diários (indústria do linho) 8 centimos a 1 escudos (indústria do algodão)
Matéria prima	79 toneladas de linho nacional e estrangeiro 34.854 escudos anuais em linho 288.967 escudos anuais em algodão
Produção	72 mil escudos anuais (linho) .690 mil escudos anuais (algodão)

Fonte: GERALDES, Nunes (1912). *Inquérito à indústria do linho do distrito de Braga*. pp 66-67

Em matéria de tecnologia confirmava-se: “a indústria mecânica acha-se concentrada em Guimarães” (Geraldès, 1912, p 38) embora reduzida à tecelagem<sup>5</sup>, mas, tal como sucedia com outros relatórios, as contradições e inconsistências dos dados apresentadas por Nunes Geraldès em 1912 levantavam incertezas sobre o rigor do diagnóstico feito às indústrias da época. Neste caso são indicadas, não três, mas nove fábricas mecânicas, todas instaladas em Guimarães: Fábrica do Castanheiro, Fábrica de Manuel Bernardo Alves, Fábrica de Malhas Bento, Santos, Costa & C.<sup>a</sup>, Fábrica de A. J. Cardoso (Pevidém), Fábrica de Francisco Inácio da Cunha Guimarães, Fábrica de João Mendes Ribeiro, Fábrica a Vapor de Tecidos do Sumes (Ribeiro da Cunha & C.<sup>a</sup> Ld.<sup>a</sup>, Pevidém), Fábrica de Tecidos José de Almeida Guimarães (Moreira de Cónegos) e Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães.

<sup>5</sup> Citam-se os casos da Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães, a Fábrica de Tecidos de linho e algodão do Castanheiro e a fábrica de Manuel Bernardo Alves.

Embora em fase de mecanização, as fábricas continuavam a absorver mão de obra analfabeta, maioritariamente mulheres, e dos cerca de 200 homens que trabalhavam na indústria têxtil em 1912, apenas 30 exerciam funções de contra-mestres de fiação e tecelagem e afinadores de teares. Os mestres eram portugueses, ex-alunos das escolas industriais tendo um deles obtido formação em Manchester (Fábrica do Castanheiro), e ingleses (dois na Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães). (Tabela 3)

**Tabela 3. Mestres ao serviço das fábricas mecânicas de Guimarães**

Fábricas	N.º de mestres	Nacionalidade	Formação
C.ª Fiação e Tecidos de Guimarães	3	2 ingleses,	
1 português	Inglaterra		
Escola industrial			
Fábrica do Castanheiro	1	português	Inglaterra
Fábrica de M. Bernardo Alves	1	português	Sem formação

Fonte: GERALDES, Nunes (1912). *Inquérito à indústria do linho do distrito de Braga*, p. 71, baseado nos dados dos inquéritos industriais de 1881 e 1890

Faltava a instrução, não só dos operários, mas também dos industriais (muitos deles também eram analfabetos), escasseavam capitais, não havia variedade nem inovação nos produtos e a imitação era vista como oportunidade.<sup>6</sup> Estas circunstâncias, associadas aos preços competitivos dos produtos que chegavam do estrangeiro, asfixiavam a economia há décadas. A mecanização encarava-se como alternativa a seguir. (Tabela 4)

<sup>6</sup> Relatório do diretor do Instituto Industrial do porto, Gustavo Adolfo Gonçalves e Sousa, sobre a Exposição Industrial concelhia de Guimarães, publicado no *Diário do Governo*, N.º 243, 24 de outubro de 1884, p.2715.



**Tabela 4. Evolução das indústrias do distrito de Braga entre 1881 e 1912<sup>7</sup>**

Ano	Tipologia de fabrico	n.º fábricas mecânicas	Energia (HP)	N.º Motores	N.º máquinas
1881	Linho manual, algodão manual e mecânico	2	198 HP	7	n.d.
1890	Linho e algodão manual e mecânico	3	940 HP	30	29
1912	Linho e algodão manual e mecânico	15	3.500 HP	29	315

Fonte: GERALDES, Nunes (1912). *Inquérito à indústria do linho do distrito de Braga*, p 71, baseado nos dados dos inquéritos industriais de 1881 e 1890

### 3. Guimarães 1884: uma *revolução* com data marcada

Em 1884, um grupo de intelectuais e pessoas endinheiradas de Guimarães promoveu uma *Exposição Industrial* e exigiu ao poder central a instalação de uma escola industrial.<sup>8</sup> Esta intervenção cívica, complementada por uma dinâmica de internacionalização industrial assente na participação e presença nas exposições industriais universais e mundiais<sup>9</sup>, trouxe as ambicionadas mudanças e concedeu a Guimarães algum poder e influência.

Na génese desse projeto de desenvolvimento de Guimarães, encontramos a Sociedade Martins Sarmento, que se movimentou a favor da instrução pública e do ensino técnico e profissional, tendo em perspetiva a afirmação da indústria. Para tal seria necessário sensibilizar consciências para a necessidade da substituição do modelo artesanal em vigor nas fábricas, pela mecanização.

Num artigo publicado no início de 1884, *Resposta a uma Pergunta: Convirá promover uma exposição industrial em Guimarães?*, Alberto Sampaio argumentava sobre as razões que justificavam a organização de uma exposição industrial<sup>10</sup>, dando voz a um consenso existente sobre a utilidade dos certames de atividades económicas e reforçando uma exigência de longa data: a instalação da escola industrial, decretada 20 anos antes e que continuava por cumprir.

<sup>7</sup> Relativamente à energia utilizada verifica-se um crescimento e diversificação de recursos: sistema a vapor e hidráulicos (1881), vapor, água comprimida e hidráulicos (1890) e vapor, a gaz pobre e hidráulicos (1912). Os motores existentes nas unidades fabris também sofreram evolução: máquinas a vapor e turbinas hidráulicas (1881), máquinas a vapor, água comprimida, turbinas hidráulicas e rodas hidráulicas (1890) e máquinas a vapor, máquinas a gaz pobre, turbinas hidráulicas e rodas hidráulicas. Quanto máquinas de produção, não há indicações no relatório de 1881, mas em 1890 são referidos 29 teares mecânicos do tipo lisos (8), maquinasetas (11) e Jacquard (10). O número aumenta no inquérito de 1912 para um total de 315 teares mecânicos do tipo liso (152), maquinasetas (89) e Jacquard (74).

<sup>8</sup> Sobre este assunto refere o historiador Amaro das Neves: "A história do ano de 1884 em Guimarães foi, em larga medida, a história do processo de reivindicação e de conquista de uma Escola Industrial, então percebida como poderoso motor de desenvolvimento concelhio". In NEVES, A. Amaro; LAMEIRAS, Albero. (2009). *1884: o ano que mudou Guimarães*. Guimarães: SMS, A Oficina e ESFH, pp 9-10

<sup>9</sup> Este tema foi aprofundado na comunicação "Indústria têxtil: expor Guimarães ao mundo desde o século XIX" submetida ao painel "Cidade Industrial" do II Congresso Internacional "As Cidades na História" (Guimarães, 18 a 20 de outubro, 2017).

<sup>10</sup> SAMPAIO, Alberto. (1884) "Resposta a uma Pergunta: Convirá promover uma exposição industrial em Guimarães?" *Revista de Guimarães*. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento. 1(1), Jan-Mar. p 25-34.

A Exposição Industrial concelhia de Guimarães<sup>11</sup> foi a primeira do género a realizar-se em Portugal. A mostra de produtos fabricados localmente, por mestres, artífices e operários de Guimarães, foi uma demonstração de vitalidade económica e expressão da capacidade local para mobilizar sinergias. O certame contou com a participação de 170 expositores.

O sucesso obtido com a exposição concelhia teve impacto nacional. A imprensa escreveu sobre a Exposição de 1884 com uma admiração generalizada. Guimarães foi descrita como um potentado industrial que, devidamente apoiado, poderia surpreender: “A locomotiva foi a Guimarães mostrar um progresso estranho; mas o forasteiro, que ella conduz, também alli vae encontrar o que nunca esperava ver. (...) Se um concelho assim ostenta tão bizarramente, sem um único estímulo official, que se não deveria esperar d’elle quando suficientemente dotado?”<sup>12</sup>

O que sucedeu daquele “tempo de convulsão” foi revolucionário e “mudou Guimarães” (Neves e Lameiras, 2009, p. 9), traduziu-se numa reconfiguração da cidade. O progresso chegara com a mecanização e motorização, com os novos meios de transporte e vias de comunicação, com as novas fábricas. Havia mais emprego, ensino e o ambiente prometia prosperidade. Como referem Neves e Lameiras, “um ano assim dificilmente se repete na história de uma cidade”. (2009, p. 15)

#### 4. A vida na aldeia da fábrica

A *revolução* operada em Guimarães também contemplou um êxodo, do campo para a fábrica, mas o movimento foi de curta distância, sem desenraizamento, porque a instalação das fábricas ocorreu em contexto rural. Os operários conciliavam o trabalho industrial com o trabalho no campo, por tradição, mas sobretudo, por necessidade.

A grande mudança verificou-se quando a mão de obra disponível na cidade e freguesias contíguas se mostrou insuficiente para responder às necessidades das novas fábricas. A vinda de operários rurais dos concelhos vizinhos (Fafe, Felgueiras, Braga e Famalicão), implicando, em alguns casos, a deslocalização de famílias inteiras, ocasionou uma organização habitacional que, não sendo propriamente do tipo “bairro operário” estava mais próximo do conceito de *aldeia da fábrica*.

Este fenómeno urbanístico foi tardio e emergiu junto das maiores empresas ou pólos industriais (Campelos, Pevidém e Urgezès). A construção ocasional de um “renque

<sup>11</sup> A Exposição Industrial de Guimarães esteve patente ao público no palácio de Vila Flor entre os dias 15 de junho e 26 de julho de 1884.

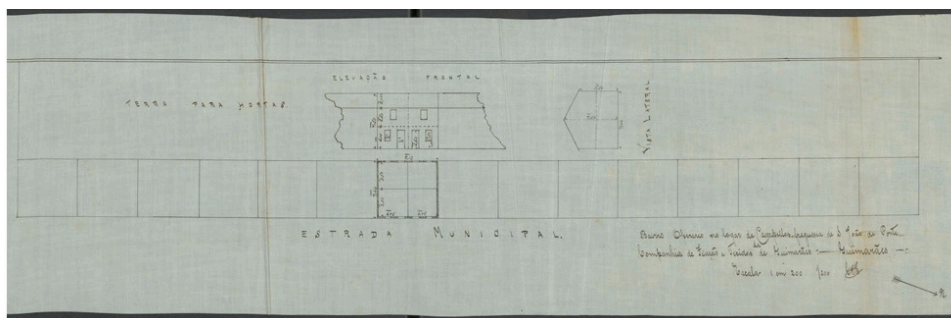
<sup>12</sup> In Jornal de Santo Thyrsó, *Relatório da Exposição Industrial Concelhia de Guimarães em 1884*, p.177.

de casas”<sup>13</sup> e “habitações destinadas aos operários”<sup>14</sup> foi prática generalizada entre os industriais, sobretudo no início do século XX.

Em 1910 foi divulgado um projeto para construção de um bairro operário no Campo do Proposto, por iniciativa da comissão municipal, mas as 58 casas baratas, a escola e o balneário desenhados pelo arquiteto José Luis Ferreira continuavam por construir em 1916. O projeto acabou por ser definitivamente abandonado e substituído por um “bairro económico”. (Serra, 2011)

Em 1922, a Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães apresentou um requerimento à Câmara Municipal para construir um bairro operário com 15 “casas de habitação para os seus operários”<sup>15</sup> que incluíam terra para as hortas individuais.

**Figura 1. Projeto de construção de um bairro operário em Campelos**



Fonte: Processo de licenciamento de construção. Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães, para construção de um bairro operário com 15 casas no Lugar de Campelos, freguesia de Ponte. (AMAP, Cota: 10-18-15-1-1-30 ).

A vida operária ganhava dimensão e relevância, interferindo na dinâmica da cidade. Refletia-se no aparecimento de organizações de classe, associações e corporações, que se destacavam por atividades que variavam entre os encontros, confraternizações e as manifestações laborais, sobretudo nos períodos de crise económica e social.

Ao contrário do que se verificava nas grandes unidades fabris, onde a distinção entre os grupos era vincada, nas pequenas fábricas e oficinas, operários e patrões constituíam

<sup>13</sup> Balanço da Casa Comercial de António da Costa Guimarães, Filho & Companhia, em 31 de dezembro de 1892. AMAP, cota: 6-66-15-10-5.

<sup>14</sup> Processo de classificação da Fábrica do Moinho do Buraco, ficha técnica, Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana (2008); Alvará de licença de 1922.04.22, da Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães. Memória descritiva e planta. AMAP, Cota: 10-18-15-1-1-30.

<sup>15</sup> Alvará de licença de 1922.04.22, memória descritiva e planta. AMAP, Cota: 10-18-15-1-1-30.

núcleos quase familiares, verificando-se, também aqui, uma apropriação de hábitos rurais que se transferiu para a (nova) vivência operária. Embora haja registos de greves e manifestações mais ou menos violentas e participadas, a imprensa local valorizava os apontamentos sobre reuniões e movimentos que privilegiavam o diálogo e a negociação, independentemente do setor de atividade.

Não admira, portanto, que a greve das operárias da Fábrica de Manuel Bernardo Alves em 1904 ou a agitação operária em Pevidém no ano de 1910 quase passassem despercebidas.<sup>16</sup> A crise social agudizou-se, particularmente em 1915, já com os efeitos da Primeira Grande Guerra a refletirem-se na escassez dos bens essenciais e no aumento vertiginoso dos preços, tornando inviável uma sobrevivência sem miséria. Os baixos salários do operariado fabril e os horários de trabalho muito longos, impulsionaram a agitação que teve em Pevidém o seu ponto crítico.

As greves da indústria têxtil tiveram uma enorme repercussão e o cenário de contingência e tensão laboral manteve-se durante o ano de 1920.<sup>17</sup> Na base dos protestos encontravam-se as más condições de trabalho, os baixos salários (Rocha, 2010) e a fome.

## 5. Mudança tecnológica, urbanismo e vias de comunicação

As principais mudanças verificadas em Guimarães ocorreram entre 1880 e 1900. Foram duas décadas de transformações profundas, não apenas ao nível da intervenção urbanística, mas também no plano das comunicações, acessos e melhoramentos gerais como abastecimento de água e iluminação pública.

A telegrafia já funcionava nas vilas termais (Taipas e Vizela), mas apenas durante o período balnear. Apostava-se no reforço dos equipamentos e alargamento dos sistemas e estações, para além da formação e contratação de telegrafistas.

Os candeeiros a petróleo foram substituídos pela iluminação elétrica em 1903<sup>18</sup> e a rede, instalada e explorada pela Companhia da Luz Elétrica de Guimarães, propriedade dos

<sup>16</sup> A paralisação de 28 de janeiro de 1904 na Fábrica de Manuel Bernardo Alves teve origem na introdução do regulamento da fábrica que, entre outros procedimentos, obrigava as operárias a lavar as mãos antes de iniciarem a laboração e sujeitava-as a multas que podiam atingir os 400 reis em caso de obra imperfeita ou danificada. Já o alvoroço operário em Pevidém resultava de salários pagos com géneros alimentares em vez de dinheiro (In ROCHA, Raul. (2010). *Guimarães no século XX*. Vol. I (1900-1940). Guimarães: O Povo de Guimarães.

<sup>17</sup> Em novembro de 1919 os operários da tecelagem da Fábrica da Avenida (Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães) iniciaram uma greve reclamando aumento salarial. O diferendo prolongou-se para julho, altura em que foi anunciada uma greve geral que veio a realizar-se em dezembro. Até lá sucederam-se as manifestações, os comícios e desfiles, intercalados com reuniões e audiências na Câmara Municipal e no Governo Civil. A fome já não afetava apenas os operários têxteis e várias classes - incluindo os setores do calçado e tipografia.

<sup>18</sup> A inauguração do sistema realizou-se em 16 de agosto de 1903, ao cair da noite no campo da Barroca junto ao palacete de Vila Pouca, tendo o presidente da Câmara procedido à abertura do circuito. A instalação dos fios condutores de eletricidade nas ruas de Guimarães teve de obedecer a uma postura municipal que obrigava ao respeito de uma altura suficiente dos cabos para não prejudicar o costume das procissões religiosas (Martins, 1928).

ingleses da firma *The United Electric Light & Power Supply C.º Ltd.*, acabaria por ser, após um complexo processo de falência, adquirida por um comerciante de tecidos, Bernardino Jordão, que encontrou nos negócios da eletricidade a sua vocação. O empresário instalou em 1907 uma central termoelétrica em Guimarães e expandiu a rede de abastecimento elétrico por todo o concelho e arredores.

A aquisição de lâmpadas fez-se mediante inscrição nos diversos estabelecimentos comerciais da cidade e até na redação dos jornais. As lâmpada eram de 16 velas e, para prevenir descargas elétricas, a empresa fornecedora do serviço mandou colocar para-raios em vários pontos da cidade.<sup>19</sup>

O silvo da locomotiva ouviu-se pela primeira vez no dia 7 de março de 1884 na viagem de ensaios técnicos que antecedeu a inauguração oficial a 14 de abril do mesmo ano (Martins, 1928). A chegada do comboio foi um dos grandes acontecimentos do *annus mirabilis* de Guimarães. O processo que antecedeu este avanço iniciara-se em 1857 e passou pela criação da *Minho District Railway Company* (1874), dirigida por um inglês (Mr. Dixon), com investimento de capitalistas e industriais de têxteis e curtumes de Guimarães (Brito, 2014), mas a falência da companhia obrigou à mudança da concessão, transferida para a Companhia do Caminho de Ferro (1880), iniciando-se em 1882 as obras de construção da linha férrea entre Bougado e Guimarães.

Para aproveitar a dinâmica instalada, a Câmara de Guimarães propôs à Câmara dos Deputados o prolongamento do caminho de ferro de Guimarães a Chaves - estava a obra para Guimarães a um ano da sua conclusão - mas essa ligação só avançaria muito mais tarde e terminaria em Fafe, somente no ano de 1907.

Em 1888, quatro anos após a Exposição Industrial e a chegada do comboio, a cidade ainda não dispunha de uma ligação viária digna até à estação. A imprensa da época relata as visitas de engenheiros e técnicos, as promessas políticas por cumprir, até terem principiado, em 5 de maio de 1891, em Vila Flor (Cavalinho), os trabalhos de construção da Avenida da Indústria, que abriu ao trânsito em 30 de dezembro de 1900.

A rede viária constava na agenda de exigências que os representantes de Guimarães comunicavam ao governo já desde 1860, altura em que foram lançados os primeiros pedidos para a construção de uma estrada para Trás-os-Montes, saindo de Guimarães, por Fafe, Cavez e em direção a Chaves.

Dotada de uma rede viária em condições mínimas de circulação, o século XX trouxe consigo os automóveis. Os industriais têxteis da cidade foram os primeiros a adquirir viaturas e a

<sup>19</sup> In *Comércio de Guimarães*. Ano XX, n.º 1806, 11 de setembro de 1903.

fazer notícia. Pioneiros a introduzir os teares mecânicos na tecelagem em Guimarães, os sócios da Fábrica do Castanheiro foram também os primeiros a ter automóvel:

*“No domingo passado, pelas 11 horas da manhã, chegou o automovel que os snrs. Simão e Alvaro Costa tinham encommendado em Pariz. É muito bem construído e elegante. Tem dois cylindros e a força de 10 a 12 cavallos. O snr. Alvaro Costa já o tem dirigido em varios passeios e parece-nos estar satisfeito com a machina. Os nossos parabéns.”*

*In O Comércio de Guimarães, Ano XX, N.º1813  
de 6 de outubro de 1903*

Os camiões de mercadorias chegaram mais tarde, e foram adquiridos pela Fábrica do Castanheiro e pela Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães. Nos primeiros anos, a proliferação de automóveis pela cidade levou a imprensa a repetir apelos e alertas, como este, publicado no jornal *O Comércio de Guimarães* de 11 de setembro de 1903:

*“Pedem-nos para lembrar a quem compete a conveniencia de proibir que esta cidade seja atravessada em corridas vertiginosas pelos automóveis que ultimamente ahi teem apparecido. Parece-nos justissimo este pedido e tanto que ainda há poucos dias estiveram em grande perigo as vidas dos que vinham n’um que no logar do Castanheiro se esbarrou contra umas pedras marginaes da estrada.”*

*In O Comércio de Guimarães,  
Ano XX, N.º1806 de 11 de setembro de 1903*

Uma das mais extraordinárias iniciativas de mobilidade entre cidades foi apresentada à Câmara Municipal de Guimarães em julho de 1895. O projeto de construção de uma linha americana com tração a vapor ou eletricidade, pretendia aproveitar o leito da estrada real entre Guimarães e Famalicão e aproximar as duas localidades.<sup>20</sup> O plano, da autoria de dois engenheiros civis formados pela Academia Politécnica do Porto - António Luis Soares Duarte e Paulo Ferreira -, arrastou-se até 1901 e, perante os obstáculos suscitados, (sobretudo por parte da Companhia dos Caminhos de Ferro do Bougado que se opunha ao avanço do carro americano a vapor na região, alegadamente por representar um prejuízo para a companhia<sup>21</sup>), acabou por não se concretizar. Uma cópia da planta

<sup>20</sup> *O Commercio de Guimarães*, Ano XVII, N.º1574, 26 de abril de 1901.

<sup>21</sup> *Idem*.

corográfica foi exposta na sede da Associação Comercial e Industrial de Guimarães, para consulta e observação. O projeto foi muito bem acolhido em Guimarães e Famalicão, pelos empresários e a população, mas apesar das insistências, não passou do papel.

## 6. Vida empresarial e atividade bancária

Guimarães foi dos primeiros concelhos do país<sup>22</sup> a ter uma estrutura associativa empresarial com a instituição, em 1865, da Associação Comercial e Industrial de Guimarães (ACIG). A reunião para lançar as bases da organização realizou-se na residência de um dos seus fundadores em 12 de março de 1865 e juntou cerca de uma centena de representantes do comércio e da indústria vimaranense. No próprio dia foi eleita a comissão de redação dos estatutos. A instituição oficial seria confirmada por carta régia.

A ACIG acompanhou todas as fases de desenvolvimento económico da cidade e do concelho, destacando-se o seu papel nas exposições industriais, comerciais e agrícolas realizadas em Guimarães em 1884, 1900, 1910, 1923 e 1953<sup>23</sup>, como representante das suas classes e a intervenção política, colocando-se na linha da frente sempre que questões estratégicas para a cidade - como os caminhos de ferro, escola industrial, acessibilidades e outros melhoramentos - exigissem um posicionamento de defesa dos interesses de desenvolvimento de Guimarães.

Associação de prestígio nacional, contava, entre os seus associados, com personalidades como Alberto Sampaio, Alfredo Pimenta, José Luis de Pina, Conde de Margaride (que era par do Reino) e António Soares Velloso, um influente capitalista do Porto, aos quais se juntavam três Ministros da monarquia - os conselheiros João Franco Castelo Branco, Frederico Gusmão Correia Arouca e Artur Alberto de Campos Henriques - que muitas vezes foram convocados a defender Guimarães junto da Administração Central.<sup>24</sup>

O pequeno universo de uma cidade de província conduzia à solicitação permanente daqueles que, sendo mais cultos, influentes ou endinheirados, eram convocados para a participação cívica e política. E assim, para além de se cumprir a norma dos *40 maiores contribuintes*, “que eram responsáveis pela aprovação das contas da Câmara e pelas comissões recenseadoras” (Brito, 2014, p. 58), as mesmas pessoas encontravam-se, geralmente, nos corpos sociais e dirigentes das instituições da cidade, incluindo a banca que entretanto se instalou.

<sup>22</sup> Depois do Porto (1834) e Braga (1863).

<sup>23</sup> A associação também está ligada à organização das Festas Gualterianas e da Marcha Gualteriana, que remontam a 1906.

<sup>24</sup> Balanço histórico proferido na sessão solene comemorativa dos 125 anos da ACIG por Armindo Cachada, em 6 de outubro de 1990.

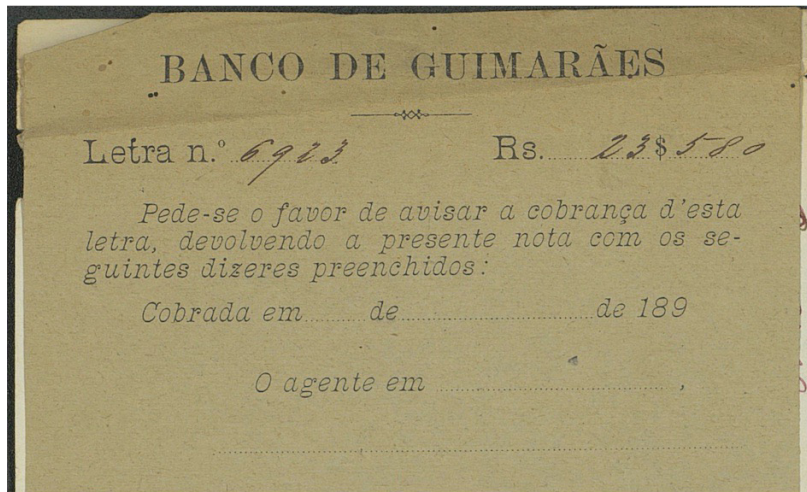


Guimarães teve dois bancos: o *Banco de Guimarães* (1872-1896), propriedade do Barão do Pombeiro, instituído com um capital de 500 contos de reis, e o *Banco Comercial de Guimarães* (1875-1911), fruto da sociedade estabelecida entre um negociante de ourivesaria, José Maria da Costa, um negociante de curtumes, José Crisóstomo da Silva Basto e Domingos Fernandes Guimarães. Fortunato Barateiro, um rico *brasileiro de torna-viagem*, foi o impulsionador das duas instituições.

Negociantes como António da Costa Guimarães contribuíram com capitais próprios para a instalação dos bancos na cidade, onde exerciam funções como dirigentes e gestores, e empregavam pessoas da sua confiança - no caso, o fundador da Fábrica do Castanheiro colocou no Banco de Guimarães, como funcionário, o seu filho Simão Costa.

Para além de dois bancos, também há registo de operações da “Bolsa de Guimarães” cuja primeira sessão teve lugar numa casa da Rua Nova do Comércio (n.º16), no dia 3 de maio de 1875. (Martins, 1928, p. 24)

**Figura 2. Talão de uma letra emitida pelo Banco de Guimarães**



Fonte: Fundo Histórico da Fábrica do Castanheiro, AMAP, cota: 2-32-13-10.



## 7. Transformações culturais: a província cosmopolita

Parte da história da cidade após 1884 está centrada na reivindicação de uma escola industrial. A ideia, lançada pela Sociedade Martins Sarmento, pretendia concretizar uma intenção que estava adiada há 20 anos, desde a publicação do Decreto de 20 de Dezembro de 1864, ao abrigo do qual foram criadas três escolas industriais - na Covilhã, em Portalegre e Guimarães.

Daqui resultou um movimento cívico de revolta cuja pressão sobre o Governo obrigou à retificação do Decreto de 1864 publicando-se novo diploma a 3 de dezembro de 1884. As aulas da *escola*, à qual foi atribuído o nome de Francisco de Holanda, compreendendo as cadeiras de Aritmética, Geometria Elementar e Contabilidade Industrial, Desenho e Química Industrial, iniciaram-se a 14 de janeiro de 1885 com 153 alunos. (Martinho, 2006; Neves e Lameiras, 2009).

Este desfecho culminava um calvário com décadas de medidas avulsas e regimes improvisados de ensino que não alcançava o número ideal de alunos. A população de Guimarães era maioritariamente analfabeta (cerca de 80 por cento) mas de pouco valeram as cadeiras de filosofia ou os esforços do professor de instrução primária e francês que em 1858 criou um curso noturno para ensinar o (novo) sistema métrico decimal (Martins, 1928). Entre 1860 e 1865 foram lecionadas as cadeiras de Aritmética, Geometria, Geografia, Língua Francesa e Inglesa (em curso bienal), e asseguradas aulas noturnas de Aritmética e Geometria com aplicação à indústria no externato de S. Francisco.

A organização da escola industrial ocuparia os vimaranenses durante décadas, pois foi necessário encontrar um edifício definitivo no qual se instalassem as oficinas e as máquinas para ensino técnico, e contratar professores e mestres estrangeiros, para assegurar a continuidade da escola.

O seminário de Guimarães, que também sofrera constrangimentos, seria organizado em liceu, por decreto publicado em 1896, passando a denominar-se Liceu Central de Martins Sarmento.

O ensino primário era deficitário e as grandes fábricas que a partir de 1890 começaram a instalar-se em Guimarães, iniciaram uma vaga de intervenções nas freguesias onde se fixavam, criando condições de apoio social - desde os estabelecimentos de ensino aos centros de convívio, passando por creches e até igrejas, como foi o caso da Companhia de Fiação de Tecidos de Guimarães, em Campelos.<sup>25</sup>

<sup>25</sup> "(...) a C.ª de Fiação e Tecidos de Guimarães, tem em Campelos estabelecida uma escola primária, cuja falta ali muito se fazia sentir, por não haver escola perto. O edifício da escola serve também de centro recreativo dos operários, que aí exibem as suas produções e onde lhes são dadas sessões animatográficas. Desta forma se procura evitar também a frequência da taberna. Esta iniciativa é muito para louvar, e exemplo a seguir." (Geraldos, 1912, p. 41)

Aos poucos, os frutos do investimento realizado com a abertura de escolas primárias, da escola industrial e do liceu, começavam a surgir, mas seriam longos os anos de espera até que se verificasse o verdadeiro impacto dessas medidas nas indústrias e na vida da cidade em geral.

### Uma imprensa atenta e mobilizadora de debates

A imprensa surge na ainda vila, em 1820, com o liberalismo e o primeiro título a ser publicado foi o *Azemel Vimaranesense* em 1822. Analisando as publicações inventariadas pelos serviços da hemeroteca da Sociedade Martins Sarmiento, verifica-se uma certa regularidade na publicação de novos jornais, particularmente intensa após acontecimentos relevantes. (Tabela 5)

Considerando o período que medeia entre 1884 (ano da chegada do comboio e inauguração da Exposição Industrial) e o final do século XIX regista-se a publicação de 24 jornais, dois deles lançados em 1884 (a folha única *A Indústria Vimaranesense*, editado para celebrar a inauguração da exposição, e *O Comércio de Guimarães*, que ainda hoje se publica e constitui um raro exemplo de longevidade na imprensa regional).

**Tabela 5. Número de títulos de imprensa publicados em Guimarães (1850-1950)**

Período	N.º de títulos	Observações
1853 > 1883	20	Elevação de Guimarães a cidade (1853)
1884 > 1900	24	Exposição Industrial de Guimarães (1884)
1901 > 1918	29	I República e I Grande Guerra
1919 > 1947	22	Pós-guerra e II Guerra Mundial
Total	95	

Fonte: Hemeroteca da Sociedade Martins Sarmiento, Guimarães

No mesmo ano (1884) foi publicado o primeiro número da *Revista de Guimarães*, órgão da Sociedade Martins Sarmiento, em cujas páginas estão registadas algumas das principais reflexões estratégicas sobre o estado e o futuro de Guimarães, nas suas diferentes dimensões. A qualidade da publicação, assegurada por um conjunto de colaboradores de excelência, contribuiu para torná-la numa referência cultural nacional. Ao fim de 134 anos continua em atividade, mantendo as suas características científicas e académicas.

Um dos aspetos mais distintivo da imprensa periódica vimaranense deste período foi a capacidade que teve para gerar debates em torno das questões que preocupavam os vimaranenses, mas também de envolvê-los em iniciativas solidárias. E, em 1884, as mais firmes pendências entre os quatro jornais que na ocasião se publicavam na cidade foram ultrapassadas e todos eles estiveram juntos na folha única - *A Indústria Vimaranense* - publicada para celebrar a inauguração da Exposição Industrial concelhia de Guimarães. (Martins, 1928; Neves e Lameiras, 2009)

### **Um movimento cultural e associativo vibrante**

“Os dois renegados” foi a peça de estreia do novo Teatro Dom Afonso Henriques, em 12 de agosto de 1855 e o momento foi presenciado por convidados, vindos expressamente do Porto para o acontecimento, e para apreciar a música do violinista Francisco de Sá Noronha, convocado para tocar algumas composições suas nos intervalos da exibição. (Martins, 1928). O teatro entrava na vida da cidade e tornava-se um ponto de encontro para a sociedade vimaranense do século XIX.

Sendo uma cidade industrial, com um comércio muito ativo, Guimarães apresentava um movimento incomum, mas que se explicava pelo ritmo dos negócios e pela presença, cada vez mais numerosa, de forasteiros, nacionais e estrangeiros. Quer fossem professores contratados para a escola industrial quer mestres ou técnicos para apoiar as fábricas, prestadores de serviços destacados para as suas missões, viajantes e praticistas, a cidade fervilhava com estas presenças.

Por seu lado, e quando se encontravam em Guimarães, as elites locais procuravam ocupar o seu tempo de lazer entre os programas de teatro (mais tarde incluíam já as sessões de cinema), as tertúlias, as sessões culturais, bailes, *soirées* e *lunchs* que se organizavam na Assembleia Vimaranense, na Sociedade Martins Sarmiento, no Clube Comercial Vimaranense e na Associação Artística Vimaranense. Os passeios públicos pelos jardins locais ou as curtas deslocações às vilas vizinhas - às termas de Vizela, Taipas e Gerês - complementavam viagens mais longas até ao Porto, a cidade de referência, e às praias de Vila do Conde e Póvoa de Varzim, sobretudo no verão. (Brito, 2014)

Os mais ricos viajavam para o estrangeiro e visitavam as capitais europeias ou atravessavam o Atlântico até ao Brasil. Paris, Londres, Bruxelas, Sevilha, Barcelona, Viena e Berlim eram alguns dos destinos desses viajantes, muitos deles industriais que visitavam as exposições universais e cujas viagens foram ocupando as colunas sociais da imprensa local.

## Conclusão

Embora a mecanização chegasse com atraso a Guimarães, as indústrias locais conseguiram recuperar o tempo perdido e atingir, no final do século XIX, um estado de considerável vanguarda e crescimento em relação a outros concelhos do distrito e da região. Apesar de uma alegada falta de capital, de um sistema de ensino técnico muito frágil e dos impactos das sucessivas crises políticas e económicas, houve progresso e mudança.

Essa trajetória teve como ponto de partida o ano de 1884, marcado pela chegada do comboio, pela realização da Exposição Industrial Concelhia de Guimarães, pela abertura da Escola Industrial e pela instalação dos primeiros teares mecânicos numa fábrica. Os objetivos estratégicos subjacentes à organização da exposição consistiam numa mudança que era urgente operar nas indústrias sob pena de extinção das principais atividades económicas. A mensagem foi compreendida pelos industriais da época que encararam as circunstâncias de atraso e estagnação em que se encontravam como uma oportunidade para mudar de paradigma. E assim foi.

O ano de 1884 assinala uma viragem, com novas vias de acesso, meios de transporte, ensino técnico, mecanização das fábricas, impulso comercial e dinâmica cultural. Até ao final do século XIX, o itinerário do desenvolvimento foi seguido e a cidade conheceu progressos notáveis, mas teve de conviver, igualmente, com o reverso da medalha: as crises e a instabilidade política, o desemprego, a fome, e todas as convulsões decorrentes de um país e continente em transformação.

Os acontecimentos que antecedem e sucedem o ano de 1884 em Guimarães remetem para a ideia de uma micro *revolução industrial*, à dimensão de um concelho e de uma cidade que, na província e longe dos apoios oficiais, foi capaz de racionalizar o seu futuro. A capacidade de entender os benefícios da inovação tecnológica e da formação, de estabelecer ruturas e agregar o coletivo com rumo a uma mudança, não isenta de riscos, ajudam a explicar os efeitos alcançados com aquela *revolução* e que ainda hoje se refletem na vida social, económica, cultural e política da cidade.

## Bibliografia

- ALVES, Jorge Fernandes. (2002). A Indústria Têxtil do Vale do Ave. In MENDES, José Amado; FERNANDES, Isabel (Coord.) - *Património e Indústria no Vale do Ave*. Vila Nova de Famalicão: Adrave, 2002, pp. 372-389.
- ASHTON, T.S. (1995). *A Revolução Industrial*. 6ª Edição. Lisboa: Publicações Europa América.
- BEAUCHAMP, Chantal. (1998). *Revolução Industrial e Crescimento Económico no Séc. XIX*. Lisboa: Edições 70.
- BRAGA, Alberto Vieira (1940). Notas sobre a imprensa periódica em Guimarães. in *Revista de Guimarães*, n.º 50, pp.31-35
- BRITO, José M. B. de (1989). *A industrialização portuguesa no pós-guerra 1948-1965. O Condicionamento industrial*. 1ª Edição. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- BRITO, Francisco. (2014). Guimarães entre 1853 e 1901: um apontamento político e social, III série, vol. III do *Boletim de Trabalhos Históricos*. Guimarães: Arquivo Municipal Alfredo Pimenta.
- CACHADA, Armindo. (2014). *O linho no campo e na arca*. Guimarães: Grupo Folclórico da Corredoura.
- CORDEIRO, José M. Lopes. (1992). *Património Industrial do Vale do Ave*. 1ª Edição. Vila Nova de Famalicão: Câmara Municipal, Museu da Indústria Têxtil.
- CORDEIRO, José M. Lopes. (2014). Economia, engenharia e desenvolvimento: uma tentativa de ensaio histórico. In SANTOS, Gilberto - *Engenharia. pt - Uma via verde para o desenvolvimento tecnológico e económico de Portugal*. Porto: Vida Económica.
- CRAFTS, N.F.R. (1998). A nova história económica e a revolução industrial. In MATHIAS, Peter; DAVIS, John A. (coord.). (1998). *As Primeiras Revoluções Industriais*. 2ª Edição. Lisboa: Publicações Dom Quixote. pp 47-70.
- FREEMAN, Chris; LOUÇÃ, Francisco. (2003). *Ciclos e Crises no Capitalismo Global - Das Revoluções Industriais à Revolução da Informação*. Porto: Edições Afrontamento, 2003.
- GERALDES, Manuel de Melo Nunes. (1913). *Monografia sobre a indústria do linho no distrito de Braga*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- HOBBSAWM, Eric. (1996). *The age of Revolution 1789-1848*. Vintage Books.
- MARTINHO, António M. (1997). Professores estrangeiros ao serviço da Escola Industrial Francisco Holanda 1889-1894. In *Educação e Tecnologia*. Guarda: Instituto Politécnico da Guarda. Vol. XIX, pp 175-200.
- MARTINS, Francisco. (1928). *Guimarães, O Labor da Grei*. Guimarães: Francisco Martins.

- MATHIAS, Peter; DAVIS, John A. (coord.). (1998). *As Primeiras Revoluções Industriais*. 2ª Edição. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- MEIRA, José J.; SAMPAIO, Alberto. (1991). *Relatório da Exposição Industrial de Guimarães em 1884*. Porto: Muralha- Associação de Guimarães para a Defesa do Património.
- MENDES, José M. Amado; FERNANDES, Isabel. (2002). *Património e Indústria no Vale do Ave - Um Passado com Futuro*. Vila Nova de Famalicão, ADRAVE.
- NADAL, Jordi. (1980). *El fracaso de la Revolución industrial en España, 1814-1913*. 4ª Edição. Barcelona: Ariel Historia.
- NEVES, A. Amaro; LAMEIRAS, Albero. (2009). *1884: o ano que mudou Guimarães*. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento, A Oficina e Escola Secundária Francisco Holanda
- RIOUX, Jean-Pierre. (1977) *A Revolução Industrial*. 2ª Edição. Lisboa: Dom Quixote.
- ROCHA, Raul. (2010). *Guimarães no século XX. Vol.I (1900-1940)*. Guimarães: O Povo de Guimarães.
- SAMPAIO, Alberto. (1884) Resposta a uma Pergunta: Convirá promover uma exposição industrial em Guimarães? *Revista de Guimarães*. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento. 1(1), Jan-Mar. pp 25-34.
- SAMPAIO, Alberto; MEIRA, Joaquim José de. (1991). *Relatório da Exposição Industrial de Guimarães em 1884*. Porto: Muralha.
- SERRA, João B. (2011). *Boletim de Trabalhos Históricos. III série, vol.I Guimarães: Arquivo Municipal Alfredo Pimenta*.

### **Arquivos**

- Fundo Histórico da Fábrica do Castanheiro. AMAP
- Hemeroteca da Sociedade Martins Sarmento
- Hemeroteca da Câmara Municipal de Lisboa
- Arquivo Municipal de Alfredo Pimenta
- Arquivo e Biblioteca da Universidade de Coimbra
- Associação Comercial e Industrial de Guimarães